

O PRONOME VOCÊ NO PORTUGUÊS DE LUANDA

Eliana Pitombo TEIXEIRA¹

RESUMO: O trabalho objetiva constatar a frequência de uso do pronome você, como tratamento íntimo, na fala de informantes falantes nativos do português e bilíngües português/língua nacional, usuários da norma popular, e seu espraio no português coloquial de Luanda. O estudo justifica-se pelo fato de esse pronome não ser usado como tratamento íntimo na norma culta angolana e, assim, levanta-se a hipótese de que tal inovação pode constituir-se em uma mudança em curso. Fundamentado na Teoria da Variação e Mudança, este estudo lança mão das seguintes variáveis extralingüísticas: língua nativa, nível de escolaridade, faixa etária e gênero. Apesar de os resultados mostrarem não haver correlação com idade – sinal de que ainda não se verifica uma mudança no valor do pronome – apontam para fatos interessantes, desvendando a trama histórico-lingüística da expansão do pronome você, como tratamento íntimo, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: pronome você; variação/mudança lingüística; línguas em contato.

Introdução

Estudos sobre o português do Brasil (PB) têm ressaltado a importância de se buscar na sócio-história do país, especialmente no que tange à constituição de sua população em períodos diversos da colonização portuguesa, respostas mais precisas que expliquem a singularidade da nossa gramática.

A presença maciça do escravo africano durante mais de três séculos, que, na Bahia, muitas vezes suplantou em número a dos colonos portugueses e seus descendentes, parece ter desempenhado um papel que não pode ser minimizado nos estudos sobre a variedade brasileira do português.

¹ UEFS- Departamento de Letras
Av. Princesa Leopoldina, 66/902, Graça 40150-080
Salvador- Bahia – Brasil - liapitombo@gmail.com

Conquanto se tenha enfatizado, desde o século XIX, a influência das línguas africanas na formação do português brasileiro, a inexistência de um modelo teórico de análise lingüística adequado e, conseqüentemente, de uma metodologia de pesquisa capaz de abranger e controlar fatores extralingüísticos, impossibilitaram a condução de pesquisas confiáveis nessa direção.

O avanço experimentado pela ciência lingüística nos últimos quarenta anos, sobretudo no que se refere a novas formas de entender e abordar o fenômeno da mudança lingüística, ofereceu aos nossos lingüistas a oportunidade de empreender pesquisas sobre a gramática do português brasileiro, munidos agora de todo o instrumental necessário para fazê-las. No entanto, apesar de existir um sem-número de estudos comparativos do português brasileiro com o português europeu, como também alguns outros comparando o PB com línguas africanas, só muito recentemente os lingüistas brasileiros têm-se preocupado em comparar a variedade brasileira com as das ex-colônias portuguesas na África.

Nos primeiros séculos de colonização do Brasil, a mão-de-obra escrava africana provinha majoritariamente da área onde ficam hoje a República do Congo e Angola – região em que predominam as línguas nativas do grupo banto. Por outro lado, a interação de brasileiros e angolanos em Luanda, desde o século XVII, quando as relações comerciais entre eles se estabeleceram de forma intensa e continuada, corrobora a necessidade de uma guinada nessa direção.

Recentemente, o acesso a obras literárias de escritores angolanos a exemplo de Luandino Vieira, Manuel Rui e Uanhenga Xitu, autores que retratam a vida das camadas populares como também o seu vernáculo, permitiu o conhecimento do português praticado naquele país. As semelhanças morfosintáticas entre as variedades brasileira e angolana parecem impressionantes e motivaram o empreendimento de uma pesquisa de campo em Luanda. Tais

semelhanças não devem ser fortuitas, visto o que nos mostra a história do contato do português com línguas africanas, em especial, as do grupo banto. Assim, pareceu-me razoável, *mutatis mutandi*, tomar a cidade de Luanda como espelho da realidade lingüística brasileira dos períodos colonial e imperial e observar o contato entre as línguas ainda presentes.

Foram constituídas amostras de registros fônicos de falantes monolíngües do português e bilíngües português/língua nativa, em Luanda, com o objetivo de detectar as estratégias de nativização da língua portuguesa e o grau de espraio das novas variantes no português coloquial ou, até mesmo, no português dito culto. Assim, é possível empreender estudos comparativos das variedades angolana e brasileira e lançar novos olhares à questão das origens do português do Brasil.

Capital do país, cuja língua nativa majoritária é o quimbundo, Luanda, em consequência da guerra civil iniciada em 1975 e só encerrada em 2002, abriga hoje uma população estimada em cerca de 5 milhões de habitantes. Muitos deles são provenientes de diferentes regiões do país, em busca de segurança e oportunidade de trabalho, falantes nativos de línguas diversas. Desse modo, a cidade se oferece como um campo de estudos extraordinariamente rico e estimulante para qualquer pesquisador interessado em participar do debate sobre as raízes do português brasileiro.

O presente estudo constitui-se no primeiro fruto do projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, por mim elaborado e recentemente executado em Luanda. A escolha do tema deveu-se à curiosidade/necessidade de comparar os seus resultados com aqueles verificados em Teixeira (2002), em que se estuda o uso do pronome você na Bahia, nas últimas décadas do século XIX.

A colonização de Angola

Os primeiros portugueses pisaram em terras onde hoje fica a República de Angola em 1575. Aportaram na Ilha de Luanda a apenas 100 metros do continente. A Ilha pertencia ao Reino do Congo e era de lá que os congoleses retiravam o zimbo - pequena concha de forma piramidal, que lhe servia de moeda.

Os portugueses buscavam as minas de prata, que diziam haver no Sertão. Ocuparam militarmente a costa em direção à barra de Quanza de onde seguiriam em busca das minas. Construíram fortificações e presídios para abrigo dos soldados. A eles se juntou um grupo de portugueses que teria sido expulso do Reino do Congo.

Pepetela (1990) reporta que dos 2.340 soldados entrados entre 1575 e 1592, restavam no final do período apenas 300, tendo, a sua maioria, sido vítima de doenças. O clima do lugar era nocivo para os portugueses. As lagoas de água salobra e pútrida tornavam o sítio mal cheiroso e infecto.

Frustradas as expectativas das minas de prata, os portugueses vão à caça de escravos, negócio que cresceu rapidamente, transformando Luanda em uma feitoria, um simples ponto de apoio para a guarda e embarque das “peças”. Era na chamada Cidade Baixa que moravam os comerciantes e os traficantes de escravos, ao lado dos degredados. Ali construíram casas com grandes quintais murados onde os escravos ficavam à espera de navios rumo às terras brasílicas.

Em 1641, os holandeses invadem a cidade, lá permanecendo por sete anos, enquanto os portugueses, refugiados no interior, sofriam as investidas tanto dos holandeses como da rainha Nzinga Mbadi e do Reino do Congo.

Nessa época, Portugal, enfraquecido pelas guerras com a Espanha, não ouvia os apelos dos portugueses e, só em 1648, encarregou o luso-brasileiro, então governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá, a organizar uma esquadra que era composta de portugueses, índios e africanos residentes no Brasil, financiada pelos colonos, desesperados com carência de mão-de-obra para as suas lavouras e engenhos. Depostos os holandeses, Salvador Correia de Sá fica como governador de Angola até 1652. Nesse período, faz melhoramentos na cidade, tornando-a mais habitável, e retoma o tráfico negreiro. A ele se seguem os governadores João Fernandes e André Vital de Negreiros, também brasileiros. A partir daí, Angola se transforma em uma extensão do Brasil.

Alencastro (2000:9), nesse seu estudo sobre o tráfico negreiro, diz que o comércio bilateral entre Brasil e Angola transformou o Atlântico-Sul num "espaço aterritorial, um arquipélago lusófono composto dos enclaves da América portuguesa e das feitorias de Angola". Essa bilateralidade do comércio deveu-se às constantes calmarias, tanto na costa ocidental como na oriental do Atlântico-Sul, o que só permitia navegações bem-sucedidas em meados de maio e meados de setembro. Optava-se, assim, pelas "viagens largas", o que significa sair de Portugal, vir ao Brasil e daqui, rumar para a África Central. O mesmo acontecia em viagens domésticas, isto é, entre cidades brasileiras. Saindo do Rio de Janeiro, por exemplo, era mais rápido ir primeiro à África e voltar em direção à Bahia. Portanto, havia maior contato entre brasileiros e africanos do que destes com os portugueses.

O Brasil, além de escravos, comercializava, principalmente, a cachaça ou "giribita" e a mandioca pelo sistema de escambo, pelo menos até a utilização do zimbo baiano pelos comerciantes brasileiros, fato que enfraqueceu o monopólio do Congo. Até a Independência do Brasil, Angola era mais uma colônia do Brasil do que de Portugal. O comércio entre as duas colônias foi intenso. Além do mais, "as decisões do rei vinham sempre através do Brasil

e a maior parte dos funcionários superiores era proveniente da colônia sul-americana”. (PEPETELA, 1990, p. 65).

Somente após a Independência do Brasil, Portugal, que já tinha perdido sua colônia mais promissora, investiu firmemente na colonização de Angola, e tratou de expandir os seus domínios, avançando para o interior.

Desse pequeno esboço da ocupação de Angola, podem-se extrair dois fatos de interesse para o nosso estudo: a) o tempo de contato entre angolanos e portugueses foi muito mais curto do que o nosso porque, anteriormente ao século XIX, não existiu uma sociedade luso-africana e b) usava-se muito provavelmente a língua de preto, ou pretoguês, para a comunicação entre angolanos (sobas e escravos) brasileiros e portugueses.

Fechando o raciocínio, concluímos que: a) o português angolano ainda se encontra em formação, o que significa poder compará-lo hoje ao português do Brasil do século XIX e b) muitos escravos da região chegavam ao Brasil já conhecendo a língua de preto.

A amostra

Foi constituída uma amostra com informantes de ambos os sexos, quatro níveis de escolaridade e três faixas etárias, composta de falantes nativos de português e de falantes nativos de línguas nacionais.

A amostra não ficou equilibrada. Isso se deve ao fato de o tipo de inquérito utilizado – DI (documentador/informante) – não propiciar o uso da segunda pessoa do discurso, o que foi compensado pela ocorrência do discurso direto nas narrativas. Contudo, nem todas as entrevistas apresentam ocorrências de discurso direto, o que resultou no desequilíbrio da amostra.

Sabe-se que o programa VARBRUL pode dar conta de distribuições mal equilibradas. No entanto, continuarei em busca de novos informantes para equilibrar a amostra e, assim, poderei confirmar ou não os resultados. A minha experiência em Luanda me leva a intuir que serão, pelo menos, muito semelhantes.

Os resultados

Sabe-se que na norma culta angolana, assim como na portuguesa, o pronome tu é usado como forma de tratamento íntimo, ficando o “você” para marcar distância ou, como afirmou um informante, é usado com pessoas nas quais o locutor não tem confiança ou simplesmente não quer dar confiança. No entanto, observou-se o uso freqüente desse pronome como tratamento íntimo, o que me levou a levantar a hipótese de que poderia estar ocorrendo uma mudança em curso. Esta hipótese não foi confirmada: os resultados mostraram não haver correlação com idade. No entanto, apontam para fatos esclarecedores, como se pode ver na tabela 1, logo abaixo.

Tabela 1. Número, percentagem e peso relativo do pronome você em relação ao tu.

Variáveis		Apl/Nº	%	PR	Significância
1 Língua nativa	Português	19/35	54	.37	.022
	Línguas nacionais	25/31	80	.66	
2 Nível de escolaridade	Analfabeto	20/24	83	.69	.047
	Fundamental	15/22	68	.49	
	Médio	4/7	57	.38	
	Superior	5/13	38	.22	
Faixa etária	I	21/38	55	.36	.059
	II	11/14	78	.62	
	III	12/14	85	.73	
Gênero	Masculino	12/15	80	.66	.199
	Feminino	32/51	62	.45	

Língua nativa foi a única variável selecionada pelo programa, com o peso relativo de .66 para falantes bilíngües português/línguas nacionais como ilustrado nos exemplos a seguir:

(1)...mas como você crescestes na cidade... (m3an)²

(2) Sim, é bom que você os pergunte a eles. (h3fn)

Veja-se, no exemplo (1), a combinação do pronome você com a forma verbal de segunda pessoa. Tal combinação é comum na fala de informantes falantes nativos das línguas nacionais, analfabetos ou até mesmo de nível fundamental - como se verá no exemplo (4) adiante – assim como é comum o uso do pronome tu combinado com a forma verbal de terceira pessoa ou segunda pessoa indireta, aqui no Brasil. De um modo ou de outro, perde-se a distinção entre 2^a e 3^a pessoas.

Observe-se que, em termos de percentagem, a frequência de uso de “você” diminui à medida que aumenta o nível de escolaridade. Procedemos, assim, nova rodada, eliminando a variável língua nativa.

Tabela 2. Segunda rodada com a eliminação da variável língua nativa.

Variável: nível de escolaridade	ApI/Nº	%	PR
Analfabeto	20/24	83	.69
Fundamental	15/22	68	.49
Médio	4/7	57	.38
Superior	5/13	38	.22

² Código: h = homem, m = mulher

1 = Faixa etária 1, 2 = Faixa etária 2, 3 = Faixa etária 3

a = analfabeto, f= fundamental, m = nível médio, s = nível superior

m = falante nativo de línguas nacionais, p = falante nativo do português

De fato, em que pese a significância um tanto baixa, a variável nível de escolaridade foi a única escolhida nessa nova rodada.

Outro fato que deve ser ressaltado é o uso generalizado do pronome você independentemente da simetria da relação entre os interlocutores. As sentenças 3 e 4, enunciadas pelo mesmo falante, exemplificam esse uso.

Em (3) a informante reproduz um diálogo com o novo namorado e em (4), com o médico que a atendeu num hospital e que lhe havia aplicado uma injeção, após a qual se sentiu pior do que se sentira antes dela.

Entre os usuários dessa norma, somente na relação jovem X velho observa-se um tratamento respeitoso ou cortês. As formas corteses mais usadas são: *a tia, paizinho, o avô Fulano*, entre outras do mesmo tipo.

Faz parte da cultura angolana tratar as pessoas idosas respeitosa e carinhosamente, sejam elas familiares ou não. Tal deferência deve-se ao fato de tratar-se de uma sociedade de cultura eminentemente oral, em que todo o conhecimento é transmitido oralmente pelos mais velhos, em serões em que toda a família se reúne para ouvir histórias contadas pelos avós.

Em Luanda, este hábito está desaparecendo: os efeitos da globalização que a alcançou já se mostram presentes na sociedade. Ao perguntar a uma informante se os mais velhos estavam sendo tratados como costumavam sê-lo antigamente, ela respondeu: “Eh pá! Qual nada! É a moda brasileira que estão a levar, né?”

De fato, a penetração da cultura brasileira, através da televisão, principalmente pelas novelas da Globo e da Record, muito apreciadas pelos angolanos, parece afetar o seu comportamento. Nas entrevistas, há várias referências a essa questão. É possível, portanto,

que a “moda brasileira” tenha funcionado como reforço para a extensão de uso do pronome você, como tratamento íntimo, entre os jovens escolarizados, falantes nativos do português.

Tabela 3 – Cruzamento das variáveis classe social e grau de aproximação dos interlocutores. ‘
Porcentagens de uso de *você*.’

Grau de aproximação	1	2	3	Total
Classe Social	Nº / %	Nº / %	Nº / %	Nº / %
Alta	29/41	14/100	-	43/51
Média	18/55	5/100	4/100	27/64
Baixa	14/100	3/100	13/100	30/100
Total	61/52	22/96	17/100	100/63

Fonte: Tabela 2 extraída de Teixeira (2002)

A tabela 3, acima, extraída de Teixeira (2002), mostra que no final do século XIX, na Bahia, a classe baixa, constituída de africanos e seus descendentes (cf. MATTOSO, 1993) além de usarem o pronome você categoricamente, usavam-no indiscriminadamente para íntimos e não íntimos, tal como o usam os angolanos em Luanda; os tratamentos corteses, dirigidos aos mais velhos, eram Vosmecê e Senhor.

Resta explicar por que eles escolheram “você” e não o tu.

Óbvio! Cristalino! Eles não escolheram. Era esse o tratamento que lhes davam os seus senhores e capatazes, em uma relação assimétrica entre dominador e dominado, portanto, a forma a que eles tiveram acesso.

Avaliação do pronome

No roteiro de entrevista, foi colocada a questão do tratamento do interlocutor como uma das últimas perguntas, qual seja: “Se tivesse de aconselhar um amigo, como diria: tu debes fazer isso, você deve fazer isso ou o senhor deve fazer isso?” Muitos responderem que diriam

indiferentemente tu ou você; alguns afirmaram que usariam o tu, outros disseram usar você, um quarto grupo não entendeu a pergunta, limitando-se a comentar a questão do aconselhamento. Seguem, abaixo, as respostas mais interessantes:

(5) Quando é meu amigo, eu já tiro a formalidade do tu e do senhor. (h1sp)

(6) A um amigo, chamo de uma maneira particular e digo-lhe mesmo: você. (m1sp).

(7) Eu gosto muito desse termo “você”. “Tu” na minha boca não. (m3fp)

(8) Você é um termo que eu posso dizer... é um termo... está na língua portuguesa, mas é um termo que é mais usual pros brasileiros. Eu acho, eu entendo que é um termo de inferiorizar alguém. (h3en)

(9) Meu amigo? Meu amigo digo “tu” porque é meu amigo, da minha confiança. (m2sp)

No exemplo (5), o jovem universitário afirma ser o tu um tratamento formal. Ficou então a dúvida: estaria ele confundindo norma culta com tratamento formal ou o tratamento de você está sendo usando mais familiarmente do que o tu? Esta última hipótese é confirmada na declaração em (2), feita também por uma jovem universitária.

A senhora que não gosta de “tu” usa, na entrevista, formas verbais de 2ª. pessoa. Na verdade, o tu explícito ocorre muito pouco nas na fala dos informantes, o que explica o uso do você com a forma verbal de segunda pessoa.

Já a avaliação em (8) e a declaração em (9), ambas de pessoas mais velhas, refletem o conhecimento da norma culta e o desejo de segui-la, ainda que (quem sabe?) nem sempre a sigam.

Questão para reflexão

Os resultados desse estudo nos levaram a refletir sobre uma questão que tem sido objeto de acalorados e saudáveis debates, atualmente, no Brasil – a origem do português brasileiro.

Lucchesi (2003) defende ter-se formado no Brasil um crioulo leve ou semi-crioulo. A base de sua argumentação é o conceito de “transmissão lingüística irregular” i.e, “processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas”, exemplificado em estruturas presentes, principalmente, no português popular.

Naro & Scherre (2003, 2007) defendem a idéia de que as mudanças no português brasileiro são devidas à deriva natural, apressadas no Brasil por uma "confluência de motivações". Discutem a inocuidade do conceito de transmissão lingüística irregular e apresentam farta documentação como evidência de que estruturas idênticas são encontradas no português rural de Portugal e nas classes sócio-economicamente mais baixas.

Essas duas posições aparentemente antagônicas têm motivado os pesquisadores brasileiros a desenvolverem trabalhos com o objetivo de buscar evidências para uma ou outra posição.

Pergunto: seriam deriva e contato duas hipóteses mutuamente exclusivas? Não seriam deriva e contato duas forças que se imbricam? Ou, como disse Galves³, não seria o contato a força motriz da deriva? Vejam-se as mudanças do latim para as línguas românicas como também as semelhanças entre as variedades do português nas ex-colônias portuguesas. Num caso ou no outro, o que se verifica são mudanças em direção a uma maior simplificação gramatical.

³ Comunicação no Colóquio **O Português popular no Brasil e no mundo**. Campinas, Unicamp, 3 set. 2008.

No caso do uso de “você” no Brasil e em Angola, não se pode falar em deriva já que se trata de pura escolha lexical, mas essa escolha foi motivada pelo contato em que o dominado só teve acesso a essa forma de tratamento.

Voltemos ao português angolano e à constatação de que lá o tempo de contato foi bem mais curto do que no Brasil. Assinalemos também o fato de que naquele país há rincões (os chamados quimbos ou aldeias longínquas) em que se fala uma língua híbrida, com estruturas sintáticas transferidas da língua nativa. Exemplificando: “Aqui, eu nasci cinco filho”. Há registros (representações de fala de negros africanos), no Brasil do século XIX, de estruturas marcadamente pidginizantes. Um exemplo: “Suncê non já matô; deixa fallá (sic), come elle agora que eu non venda mia caruru.” (A Verdadeira Marmota, 1851, p.3).

Assim, em situações de contato, em que adultos são forçados a usar a língua do dominador, parece haver um *continuum*: pidgin- semi-crioulo- variedade da língua alvo, diretamente proporcional à extensão da exposição à língua alvo.

Observamos acima que o português angolano ainda se encontra em formação. O país livrou-se do jugo português há pouco mais de trinta anos. Mudanças já estão ocorrendo e muitas hão de aflorar no momento em que o angolano assumir a sua angolanidade ou, parodiando Tarallo (1993b), quando as circunstâncias sociais forem suficientemente satisfatórias para que a pena angolana comece a escorrer sua própria tinta.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **Trato dos Viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

A VERDADEIRA MARMOTA, dirigido por Próspero Diniz. Bahia, de 1849 a 1851. Acervo do Arquivo Público do Estado da Bahia.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 Letras, 2003.

MATTOSO, Kátia M. **A Bahia no Século XIX**. Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

NARO, Anthony. & SCHERRE, Marta. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

PEPETELA. **Luandando**. Luanda: Elf Aquitaine Angola, 1990.

RUI, Manuel. **Quem me dera ser onda**. Luanda: Nzila, 2000. (Coleção Mukanda)

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I & KATO, M. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 1993b.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. **Era uma vez você**. Salvador, 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

VIEIRA, José Luandino. **Velhas estórias**. 3. ed. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa, 1989.

XITU, Uanhenga. **"Mestre" Tamoda**. Luanda: Maianga, 2004. (Biblioteca de Literatura Angolana).

Bibliografia consultada

BROWN, R. e GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: T. Sebeok *et alii*. **Style in Language**. New York, John Wiley, Cambridge, The MIT Press, 1960, pp. 252-76.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1962

FARACO, Carlos Alberto. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**. Curitiba: UFPR, n. 13, 1996.

GUY, Gregory. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In: **Estudos sobre Espanol de América y lingüística afroamericana**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1989.

HAMMERMÜLLER, G. “Você é estrubaria?” **Iberomania**, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, n.12, 1980.

KROCH, Anthony; TAYLOR. Ann. **The Middle English verb-second constraint**: a case of language contact and language change. (mimeo).

LABOV, William. **The design of a sociolinguistic research project**. Mysore, India. Institute of Indian Languages, 1972, (mimeo).

_____ **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Vol.1. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____ **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Vol. 2. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MIGUEL, Maria Helena. **A dinâmica da pronominalização no português de Luanda**. Luanda: Nzila, 2003.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbook, 2005.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I & KATO, M. A. (Orgs.). **Português brasileiro; uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993a.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 1990.